

ÉTICA NO DESPORTO

2^G

1. PEDAGOGIA DA ÉTICA DESPORTIVA
2. DIDÁTICA DOS VALORES

José Carlos Lima // André Xavier de Carvalho // Bruno Avelar Rosa

IPDJ_2021_V1.0



ÉTICA NO DESPORTO

José Carlos Lima // André Xavier de Carvalho // Bruno Avelar Rosa

Índice

CAPÍTULO I.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	3
RESUMO	3
1. PEDAGOGIA DA ÉTICA DESPORTIVA	4
1.1. A INTENCIONALIDADE ÉTICA NA INTERVENÇÃO DO TREINADOR	5
1.2. DILEMAS ÉTICOS NO DESPORTO	14
SINOPSE DA UNIDADE CURRICULAR	28
AUTO VERIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS	29
RECOMENDAÇÕES DE LEITURA	30
GLOSSÁRIO	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

- 1. PEDAGOGIA DA ÉTICA DESPORTIVA
- 2. DIDÁTICA DOS VALORES





OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

GERAIS

- Desenvolver a noção de intencionalidade ética no comportamento do treinador.
- Promover a consideração do processo de treino como espaço privilegiado para estimular o desenvolvimento da ética desportiva.

ESPECÍFICOS

- Identificar os contextos de intervenção e relação do treinador e complexidades dos processos associados no âmbito da ética desportiva.
- Promover a capacitação didática do treinador com vista à operacionalização da ética desportiva nas tarefas de treino.



CONCEITOS-CHAVE

- Ética
- Valor
- Intencionalidade
- Competência
- Exemplo
- Decisão
- Transferência (do desporto para a vida)
- Didática



RESUMO

A neutralidade do desporto exige do treinador uma intervenção intencional com vista à promoção do seu potencial enquanto prática educativa e construtora de cidadania. Este potencial decorre das competências que estão associadas à prática desportiva e as quais assentam nos valores que representam a sua matriz enquanto fenómeno multidimensional. Estes valores podem e devem ser instrumentalizados em contexto de ensino-aprendizagem e treino desportivo. Isto através do desenvolvimento de tendências comportamentais que procuram a transferência das competências do desporto para as competências de vida, da operacionalização dos fatores psicológico e social do treino desportivo e respetivas condicionantes afetivo-emocionais e socioculturais da tarefa, ou da observação dos indicadores que permitem evidenciar a manifestação dos valores que se

pretendem ver construídos por todos e cada um dos atletas envolvidos no processo desportivo.

Esta unidade de “Ética no desporto” para o curso de treinadores de Grau 2 está organizada em duas subunidades: a primeira (designada “Pedagogia da ética desportiva”) analisa a influência que o comportamento do treinador tem na promoção da ética e dos valores no desporto junto daqueles sobre e com quem tem responsabilidade educativa, sendo também apresentada uma matriz para o auxílio na tomada de decisão com vista à solução de dilemas éticos que possam suceder no seu contexto de prática desportiva, enquanto a segunda (designada “Didática dos valores”) propõe algumas formas de dotar a intervenção do treinador da devida intencionalidade, potencializando a sua operacionalização e sistematização.



1. PEDAGOGIA DA ÉTICA DESPORTIVA

O desporto é considerado uma atividade neutra, uma vez que, em essência, não é bom ou mau apesar de apresentar características com um **potencial positivo único, particularmente no que se refere ao desenvolvimento de cidadania e saúde**. O impacto positivo do desporto depende, assim, da intenção com que os agentes que o promovem o utilizam, desenvolvem e operacionalizam. E, neste processo, **o treinador é quem exerce o papel mais central, na medida em que é ele quem transmite o desporto enquanto prática, mas também promove as competências que lhe estão associadas**.

Contudo, para que essa intencionalidade possa ser consciente, sistemática e estratégica, é muito importante que o treinador tenha presente, de forma muito esclarecida, que tipo de competências pode desenvolver através do desporto e que competências podem ser promovidas, efetivamente, através da interação pedagógica com os praticantes e atletas.



MOMENTOS DE REFLEXÃO PARA TREINADORES

- //Quais os objetivos que procuro alcançar com o treino?
- //Qual a minha motivação ao treinar? Ganhar ou educar?
- //Como pretendo intervir para alcançar estes objetivos?

A resposta a estas perguntas define a intencionalidade do treinador.



1.1 A intencionalidade ética na intervenção do treinador

O potencial do desporto para a **promoção de competências que permitam uma vida de sucesso e uma sociedade harmoniosa** é bastante difundido. Contudo, é de questionar quais são e como se desenvolvem estas competências e seu consequente impacto positivo através do desporto e, sobretudo, de que forma o treinador pode promovê-las de forma intencional no seu contexto de intervenção.



QUE COMPETÊNCIAS PODE PROMOVER O DESPORTO?


Para responder a esta questão, precisamos compreender o que é “competência” e compreender o que é “desporto”.

Um modelo conceitual para a definição de competência bastante utilizado no campo das didáticas é o modelo da arquitetura de competências de Roe (2002). Este modelo assenta no pressuposto de que a competência assenta sobre três pilares interdependentes – de maneira que sem qualquer um destes pilares a competência não ocorre – e que representam os conhecimentos, as aptidões, as atitudes necessários para uma determinada intervenção num determinado contexto.

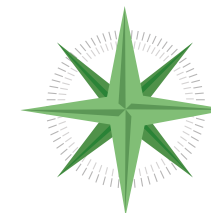


FIGURA 1 - Modelo de arquitetura de competência (adaptado de Roe, 2002).

De acordo com este modelo, as características pessoais de um treinador deverão ser alimentadas pelos necessários conhecimentos teóricos, seus respetivos procedimentos técnicos de intervenção, mas também, com igual valor, pelos valores que norteiam o seu comportamento e atitudes e que, como tal, influenciam a orientação da sua competência.

 A competência de um treinador depende, para além da dimensão técnica, dos valores que norteiam o seu comportamento e atitudes.

VALORES



Relativamente ao conceito de desporto, e embora esta discussão seja bastante mais profunda e multifatorial, assume-se, para este âmbito, a proposta do Conselho da Europa (1992) que define desporto como “todas as formas de atividade física, através de participação organizada ou ocasional, que visam a expressão ou melhoria da condição física e bem-estar mental, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”.

A definição de desporto apresentada engloba todas aquelas dimensões de intervenção que são estruturantes do seu significado e respetiva amplitude.

TIPO	ORIENTAÇÃO
“ATIVIDADE FÍSICA”	<ul style="list-style-type: none"> • “Expressão ou melhoria da condição física e bem-estar mental”
“PARTICIPAÇÃO ORGANIZADA OU CASUAL”	<ul style="list-style-type: none"> • “Formação de relações sociais” • “Obtenção de resultados em diferentes níveis”

FIGURA 2 - Interpretação da relação entre o tipo de atividade e o seu objetivo de acordo com o conceito de desporto proposto pelo Conselho da Europa (1992).

As orientações assinaladas demonstram a multidimensionalidade que está subjacente, de forma integrada, ao conceito de desporto.

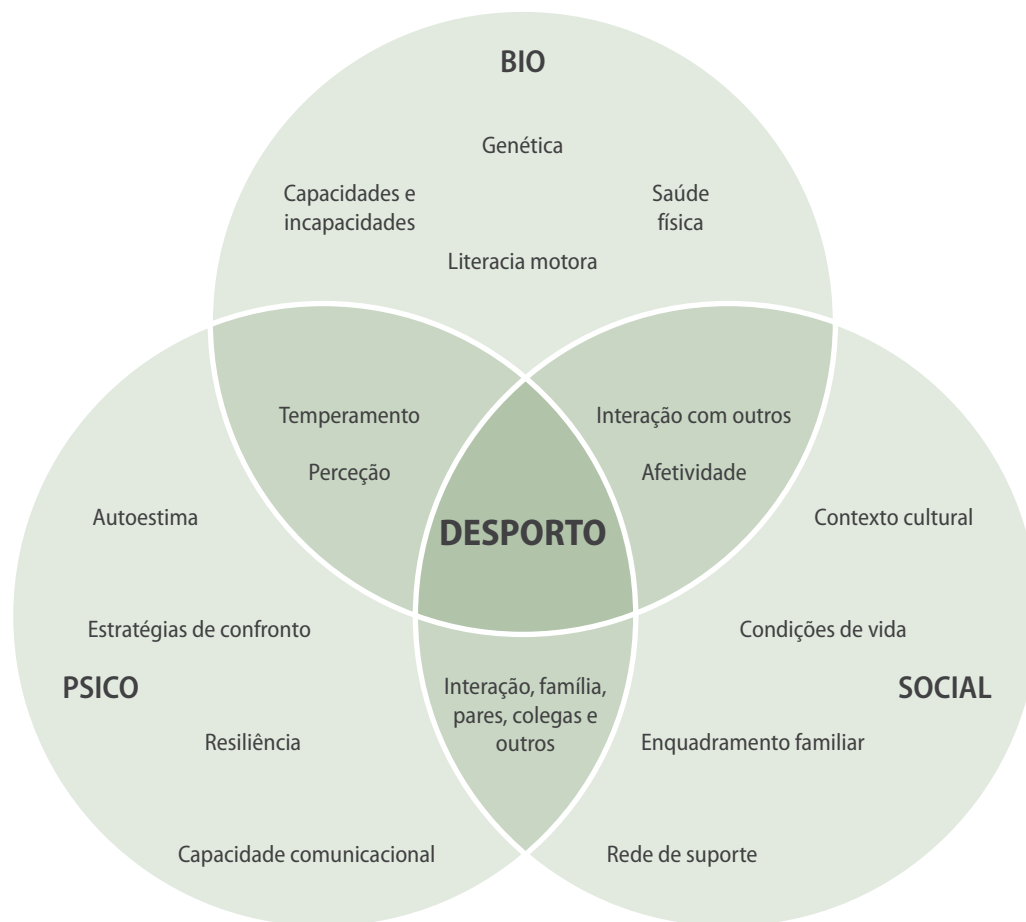


6

O quê?	Como?	Com que objetivo?	Com que impactos?
ATIVIDADE FÍSICA	PARTICIPAÇÃO ORGANIZADA OU CASUAL	RESULTADOS EM DIFERENTES NÍVEIS	CONDIÇÃO FÍSICA → Dimensão biológica BEM-ESTAR MENTAL → Dimensão psicológica FORMAÇÃO DE RELAÇÕES SOCIAIS → Dimensão social

FIGURA 3 - Dimensões biológica, psicológica e social constantes e resultantes do conceito de desporto proposto pelo Conselho da Europa (1992).

Esta visão do desporto elogia a necessidade de analisar o desporto sob uma perspetiva biopsicossocial, tal como se procura esquematizar na figura seguinte.



Neste sentido, o desporto representa não apenas uma forma de atividade física mas, sobretudo, **uma ferramenta para o desenvolvimento biológico, psicológico e social do indivíduo**, manifestando assim a sua importante dimensão cultural e axiológica.



Compreendendo o significado de “competência”, e sua relação de interdependência com os valores, e o significado de “desporto”, quais são então as “competências - ou valores - do desporto” e de que forma pode o treinador instrumentalizá-los intencionalmente?

Ao longo dos anos, têm sido várias as propostas de definição relativamente aos valores que caracterizam a prática desportiva. Entre estas, destacam-se, pela relevância e expertise das organizações em causa, as propostas do **Comité Olímpico Internacional** e do **Comité Internacional para o Fair Play**.

FIGURA 4 - Modelo biopsicossocial e sua aplicação ao desporto (imagem adaptada de International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies Reference Centre for Psychosocial Support, 2014).

TABELA 1 - Valores do desporto de acordo com o Comité Olímpico Internacional e o Comité Internacional para o Fair Play.



Satisfação pelo esforço: desenvolvimento de habilidades físicas e mentais através do permanente desafio a si próprio e aos outros.

Fair play: desenvolvimento do *fair play* nas diferentes dimensões da vida através da aprendizagem deste no contexto desportivo.

Respeito pelos outros: desenvolvimento da tolerância relativamente à diferença e à diversidade.

Busca pela excelência: desenvolvimento de cultura de excelência associada ao bem-estar.

Equilíbrio entre corpo, mente e espírito: promoção de competências intelectuais e éticas através do desenvolvimento da literacia motora.



Performance e realização: o desempenho deve ser sempre associado ao esforço utilizado para a concretização dos objetivos.

Cumprimento de regras: o desempenho é meritório se efetuado no cumprimento das regras.

Igualdade de oportunidades: todos sem exceção têm acesso à prática desportiva, usufruindo nesta dos mesmos direitos e dos mesmos deveres. As condições de prática (e competição) devem também ser as mesmas para os diferentes praticantes, não devendo haver benefício prévio de uns sobre os outros.

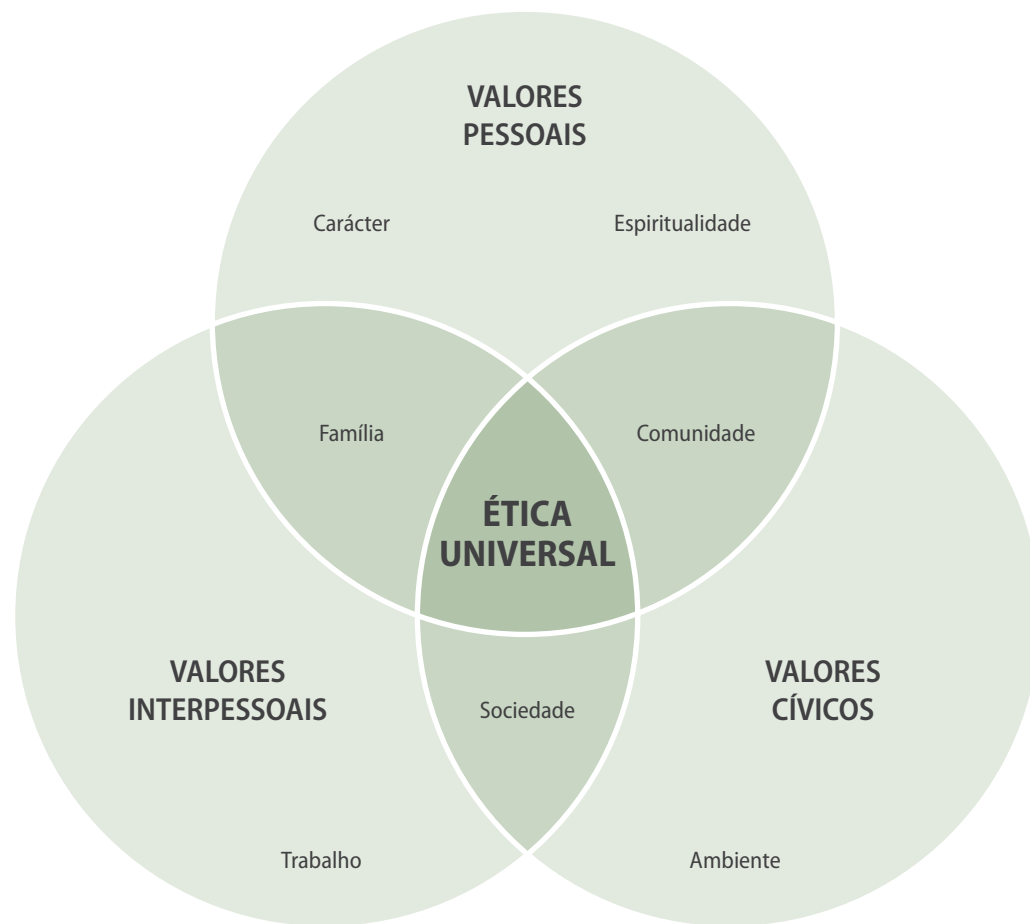
Respeito: necessidade de manifestação de tolerância e aceitação em relação a todos os envolvidos no desporto e fora dele.

Saúde: a prática desportiva e os comportamentos a ela associados nunca devem colocar em causa a saúde e o bem-estar dos praticantes e seus companheiros/adversários.

Além das propostas de valores efetuadas por instituições de referência como as apresentadas e, portanto, institucionalizadas como tal, **é possível observar os valores associados ao desporto através da utilização de outros modelos de análise e sistematização dos valores**, não necessariamente vinculados ao contexto desportivo mas que oferecem um quadro de análise compatível e interessante, como é o caso do perspectiva associada aos valores universais (Carvalho, 2013) ou a perspectiva de Rokeach (1973) e respetiva diferenciação entre valores terminais e valores instrumentais.

A referência à existência de valores universais é possível de encontrar em diferentes textos de diferentes culturas em diferentes momentos. Esta sua transversalidade temporal, cultural, filosófica e até religiosa, é o que configura a sua universalidade. Tomando por base esta conceção, Carvalho (2013) propõe uma **estruturação dos valores universais em três níveis que se interligam, nomeadamente, o nível pessoal (“respeito por si próprio”), o nível interpessoal (“respeito pelos outros”) e o nível cívico (“respeito pelo contexto”)**, os quais representam também diferentes níveis de competência, tal como apresentado na figura seguinte.






A consideração destes três níveis de valores universais, os quais constituem os valores do indivíduo, da relação e do contexto, revela-se como um **interessante referencial para a definição de uma matriz de valores relacionados com desporto e as suas possíveis escalas de desenvolvimento.**

Em complemento, além de considerar diferentes níveis de valores que podem ser aplicados ao contexto desportivo, é importante também ter em conta que **os próprios valores têm tipologias diferenciadas e que, por isso, exigem um tratamento particular no que à sua promoção diz respeito.** A este respeito, a proposta de Rokeach (1973) assume-se como uma interessante abordagem a considerar no contexto desportivo, através da determinação de dois tipos de valores: os valores terminais e os valores instrumentais.

Os **valores terminais são aqueles que são relativos à própria existência do indivíduo, consistindo por isso como alvos ou metas**, associados a princípios de ação que o mesmo pretende alcançar e estabilizar. Por seu turno, os **valores instrumentais referem-se a modos específicos de conduta**, através dos quais se torna possível alcançar – instrumentalizando – os valores terminais.

FIGURA 5 - Valores universais e seus níveis pessoal, interpessoal e cívico (adaptado de Carvalho, 2013)




 Considerando a sua práxis, o desporto pode promover valores terminais através da operacionalização, em contexto de treino desportivo, dos valores instrumentais.

A diferenciação dos valores terminais e instrumentais, bem como a consideração das suas escalas pessoais, inter-relacionais e cívicas, assumem-se como ferramentas de relevância e interesse com vista à intervenção intencional do treinador. Este potencial é observado nos subpontos seguintes e, com maior detalhe, na subunidade 2 desta unidade e deste manual.

O COMPORTAMENTO ÉTICO DO TREINADOR EM CONTEXTO DE TREINO E CONTEXTO COMPETITIVO

O treinador é o elemento central para a garantia de qualidade no processo de ensino-aprendizagem e treino desportivo. Com efeito, este é responsável por transmitir e desenvolver as competências do desporto, da sua modalidade e da organização em que se insere (e que se encontram a seu montante) junto dos praticantes, atletas e demais agentes com quem se relaciona (e que se encontram a seu jusante).

Esta importância de que se reveste o treinador enquanto elemento central no processo de desenvolvimento desportivo, **exige que o mesmo assuma, do ponto de vista deontológico, profissional e pessoal, uma intervenção pedagógica consentânea com essa responsabilidade.**

 Para ser transmissor da verdadeira ética do desporto, o treinador deve agir sempre na base da designada “PEDAGOGIA DO EXEMPLO”, isto é, ser ele próprio representativo dos valores pessoais, interpessoais e cívicos que pretende promover.

10

A ação do treinador deve assim constituir-se como **íntegra em permanência**, mas sendo também capaz de adaptar o seu comportamento às exigências do público-alvo com que está a trabalhar (de acordo com a sua idade, expertise, objetivo e contexto) e etapa de desenvolvimento desportivo (nomeadamente as fases de desenvolvimento da multilateralidade, treino específico ou alta performance). Neste sentido, **considera-se que não existe apenas uma**

forma de se ter um comportamento exemplar, já que o próprio comportamento adotado pelo treinador, ainda que sendo íntegro em permanência, deve ir também ao encontro daquilo que são as premissas e os objetivos que o seu contexto de intervenção exige ou estimula.

Partindo do reconhecimento das duas principais vias de desenvolvimento desportivo, isto é, a via do “rendimento”

(que podemos vincular à lógica “**educação para o desporto**”) e a via da “participação” (que podemos vincular à lógica da “**educação pelo desporto**”), as quais vêm sendo amplamente utilizadas pelos mais diferentes modelos de formação de treinadores de países e de modalidades, considera-se poderem existir quatro contextos (e objetivos) principais através dos quais se procura desenvolver estas vias, nomeadamente:

// **A valorização do resultado desportivo.**

É valorizada a obtenção de resultados competitivos de relevo nas principais categorias desportivas.

// **A valorização da experiência competitiva.**

É valorizada a atividade competitiva, noutros níveis que não o de alto rendimento, como um processo de educação desportiva de inegável riqueza que deve ser proporcionado aos praticantes, embora sem procurar alcançar resultados competitivos considerados de relevo.

// **A valorização da participação.**

É valorizada a experiência associada à prática desportiva e o aumento do número de praticantes que, sem necessidade de prática competitiva, encontram no espaço desportivo um local de desenvolvimento e bem-estar a nível biopsicossocial.

// **A valorização do impacto comunitário.**

É valorizado o impacto que a prática desportiva tem ao nível da saúde e da cidadania numa determinada comunidade.

Este contexto, designado de “desporto para o desenvolvimento” procura, sobretudo, utilizar o desporto como ferramenta de intervenção em aspetos para-desportivos como, por exemplo, promoção da inclusão social, da igualdade de género, da sustentabilidade ou da saúde pública.

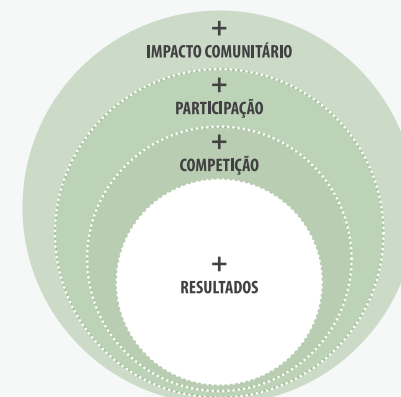



FIGURA 6 - Contextos de prática desportiva e seus respectivos objetivos prioritários.

De acordo com o exposto, **o treinador adapta o seu comportamento aos objetivos e posicionamento da instituição em que se encontra (isto é, a sua missão) e aos objetivos dos praticantes e/ou atletas sobre os quais tem responsabilidade.** O seu comportamento, apesar de dever ser imaculado do ponto de vista ético e moral, deverá assim ser adaptado aos pressupostos do treino e processo de ensino-aprendizagem que dirige. A título de exemplo, vejam-se a amplitude e diversidade associada à aplicação dos valores “disciplina” ou “tolerância” em função do contexto de treino, da etapa de desenvolvimento ou do objetivo da prática, os quais determinam a circunstância pedagógica particular de intervenção.

 A orientação de valores como “disciplina” ou “tolerância” ao contexto de treino e ensino-aprendizagem no desporto, bem como o comportamento do treinador neste processo, dependem do contexto, da etapa de desenvolvimento ou do objetivo da prática, os quais determinam a circunstância pedagógica particular de intervenção.

Contudo, deve considerar-se que estes contextos, e correspondente adequação dos objetivos e comportamento do treinador, não são estanques, herméticos e muito menos excludentes entre si. Com efeito, **num mesmo espaço de treino podem coexistir diferentes contextos e diferentes praticantes e atletas com diferentes objetivos de participação e competição. E é ao treinador quem cabe a responsabilidade de, e de forma sempre exemplar, adotar o comportamento mais adequado aos praticantes ou atletas e respetiva circunstância pedagógica.** A este respeito a subunidade 2 desta unidade dará algumas pistas sobre como fazê-lo.

A RELAÇÃO ÉTICA DO TREINADOR COM OUTROS AGENTES DESPORTIVOS

A relação mais celular que ocorre no âmbito do processo de ensino-aprendizagem e treino de uma modalidade desportiva é aquela que se estabelece através do designado “triângulo didático” constituído por **“treinador-atleta/praticante-conteúdo (modalidade desportiva)”**. Contudo, além desta relação de proximidade, eminentemente pedagógica e contextualizada no processo desenvolvido, outros eixos de influência se observam como, por exemplo, o “triângulo da formação desportiva”, que é constituído pela relação **“treinador-atleta-pais”** ou, num sentido mais abrangente, as relações e influências exercidas pelos dirigentes, adversários, técnicos de arbitragem, media ou o público. Contudo, **é o treinador o principal responsável pela transmissão e reforço, de forma direta, dos valores éticos potenciados pela prática desportiva,** particularmente devido a:



- Serem agentes que assumem uma posição mais central no processo, estando em contacto direto com todos os outros agentes envolvidos, sem exceção.
- Assumirem uma posição de liderança, o que comporta uma maior intencionalidade e responsabilidade no pendor educativo de que deve estar dotado todo o processo de desenvolvimento desportivo.
- Pelo referencial comportamental que explicitam para os agentes externos e, sobretudo, pelo exemplo que oferecem aos atletas.

Neste sentido, **o processo educativo de aprendizagem dos valores através do desporto não é horizontal mas sim vertical**, uma vez que o líder tem a missão e responsabilidade de construção das competências (e respetivos conhecimentos, aptidões e atitudes) de cada atleta. Porém, a intervenção do treinador é limitada, já que outros agentes – mais ou menos próximos – também exercem influência no processo de desenvolvimento desportivo, tal como já mencionado.

De forma complementar, e de acordo com o contexto onde o treinador se insere e os respetivos objetivos que assume como foco de desenvolvimento, **é essencial também que o treinador seja veículo de promoção de outras dimensões educativas que vão além da prática desportiva propriamente dita, mas nas quais esta pode intervir de forma determinante**, como sejam, por exemplo, aquelas categorias que são valorizadas no processo de certificação da **“Bandeira da Ética”** por parte do Plano Nacional de Ética no Desporto, como sejam a promoção da igualdade de género,

da inclusão social, da prevenção do racismo, da violência e do *bullying* através do desporto, da integridade ou da luta contra o *doping*.

O PROCESSO DE AUTOAVALIAÇÃO VALORATIVA COMO FERRAMENTA DO TREINADOR

A capacidade de reconhecer as suas fragilidades bem como as áreas onde poderá melhorar o seu desempenho é um passo fundamental para o início de um processo de crescimento e desenvolvimento profissional. A autoavaliação é assim uma ferramenta de melhoria que não deve ser des-

curada e muito menos ignorada por qualquer treinador que pretenda aumentar a qualidade e o impacto da sua intervenção nas suas diferentes dimensões e onde, naturalmente, se inclui também a dimensão ética e educativa. A título de exemplo, mas reconhecendo o seu particular interesse para a intervenção do treinador, uma das ferramentas neste âmbito é a proposta de avaliação da liderança do treinador a partir da autoanálise ao seu próprio comportamento efetuada por Teques, Silva, Rosado, Calmeiro e Serpa (2020) e que aqui se replica e se estimula o seu preenchimento.

Categorias	Eu enquanto treinador	ESCALA*				
	Questões	1	2	3	4	5
Treino/Instrução	1. Explico a cada atleta os aspetos técnicos e táticos da modalidade...					
	2. Presto atenção particular à correção dos erros dos atletas...					
	3. Dou a cada atleta informações específicas sobre o que deverá ser feito em cada situação...					
Comportamento democrático	4. Pergunto aos atletas as suas opiniões sobre as estratégias a utilizar em determinadas situações...					
	5. Deixo os atletas participar na tomada de decisão...					
	6. Peço a opinião dos atletas sobre aspetos importantes do treino...					
Comportamento autocrático	7. Não dou explicações sobre as minhas ações...					
	8. Recuso qualquer tipo de compromisso com os atletas...					
	9. Falo de forma a desencorajar perguntas...					
Suporte social	10. Auxilio os membros do grupo a resolverem os seus conflitos...					
	11. Exprimo o afeto que sinto pelos atletas...					
	12. Encorajo as relações amigáveis e informais com os atletas...					
Reforço	13. Informo o/a atleta que ele/ela tem uma boa execução...					
	14. Mostro a minha satisfação quando um/uma atleta obtém um bom resultado...					
	15. Reconheço o mérito quando ele existe...					

* 1. Nunca, 2. Raramente, 3. Ocasionalmente, 4. Frequentemente, 5. Sempre.



As respostas a este instrumento não implicam resultados positivos ou negativos mas permitem a cada treinador perceber o seu estilo de liderança e as suas tendências comportamentais no âmbito das cinco categorias de análise. **Estas tendências posicionam-se entre comportamentos mais “fechados e rígidos” e outros mais “abertos e flexíveis”, os quais, tal como já mencionado, podem ser mais ou menos adequados consoante o contexto e a circunstância em que são desenvolvidos.** Cabe assim ao treinador, não apenas autoavaliar-se, mas, sobretudo, analisar-se em função das diferentes situações com que se depara e em função dos objetivos educativos que assume para os seus atletas. Dada a diversidade e complexidade destas situações, sobretudo aquelas que têm uma implicação educativa no sujeito-alvo, a decisão do treinador sobre qual o comportamento a adotar poderá representar um “dilema ético”.

1.2 Dilemas éticos no desporto

Tal como já tratado na unidade curricular de “Ética no desporto” desenvolvida na componente geral dos cursos de treinadores de grau 1, os “dilemas éticos” são problemas que exigem uma tomada de decisão que implica um conjunto de valores éticos e morais, princípios, regulamentos, regras, leis ou convicções onde é necessário estabelecer uma hierarquização de valores. Contudo, **a dificuldade ética dos dilemas está associada à inexistência de uma solução completamente certa ou completamente errada, pelo que haverá sempre algum prejuízo e um risco de fracasso seja qual for a decisão tomada.**

Como forma de responder de forma sistematizada aos dilemas que surgem na atividade dos treinadores, o programa *Play by the rules*, desenvolvido pelo Governo Australiano, definiu e propôs uma “**Matriz para a tomada de decisões éticas**”.

01. Questione-se sobre qual é o dilema e OBTENHA OS FACTOS

- Quais são os factos da situação? (E que factos não são conhecidos?)
- Qual é o dilema?
- Quem são os envolvidos no dilema? (Qual a relação que têm?)
- Quais são as opções de solução?
- Com que base justifica as possíveis decisões a tomar?
- Quais são as consequências das opções a tomar? (E que implicações têm em cada um dos envolvidos)

02. Elenque os ASPETOS QUE SÃO MAIS IMPORTANTES PARA SI

- Quais são os valores a que dá mais importância na sua tomada de decisão? (Existem valores antagónicos: por exemplo, lealdade vs honestidade?)
- Quais são os seus princípios?
- Que experiências passadas ou ideias pré-estabelecidas influenciam a sua tomada de decisão?
- Consegue reconhecer alguma “armadilha” ou ameaça à sua decisão?



03. Avalie as suas opções e TOME UMA DECISÃO

- O que seria um resultado ideal ou aceitável para o dilema?
- Qual a sua decisão?
- De que forma a sua decisão vai ao encontro das suas convicções sobre o que o desporto deve ser?
- Está preparado para manter a sua decisão mesmo que não seja a mais popular ou preferida pela maioria?
- Sente necessidade de partilhar a sua decisão com alguém previamente?

04. COMPROMETA-SE COM A DECISÃO

- Lembre-se que a decisão é apenas o princípio. O mais difícil é agir de forma consistente com a decisão tomada e as suas implicações.
- A tomada de decisão ética deve deixá-lo confortável pois investiu bastante na escolha da melhor opção de acordo com as circunstâncias.
- Avalie sempre as alterações provocadas pela sua decisão e o que aprendeu com todo o processo.
- Lembre-se que praticar dilemas éticos torná-lo-á melhor em solucioná-los.

FIGURA 7 - Matriz para a tomada de decisões éticas (adaptada do *"Ethical decision making framework"* proposto pelo programa australiano *Play by the rules*).

RECURSOS E EXEMPLOS PRÁTICOS

Como assinalado na matriz para a tomada de decisões éticas proposta pelo programa *Play by the rules*, **treinar a solução a dilemas através da sua discussão conjunta ou reflexão individual é um processo essencial para melhor a intervenção educativa do treinador** para, sobretudo, garantir a adequabilidade do seu comportamento aos contextos e circunstâncias com que se depara.

Neste sentido, o Plano Nacional de Ética no Desporto realizou a curta-metragem **"Joga Bem"** ([versão youtube](#)), em cuja história são propostos e discutidos diferentes dilemas, recomendando-se também a análise à rúbrica **"O que farias se..."**, às **"Histórias de valores no desporto – exploração didática de casos práticos"** e ainda aos **Cenários interativos** propostos pelo mencionado programa *Play by the rules*.



ÉTICA NO DESPORTO

José Carlos Lima // André Xavier de Carvalho // Bruno Avelar Rosa

Índice

CAPÍTULO II.

2. DIDÁTICA DOS VALORES	18
2.1. OPERACIONALIZAÇÃO DOS VALORES ÉTICOS EM CONTEXTO DE TREINO E COMPETIÇÃO	20
2.2. AS DIMENSÕES PSICOLÓGICA E SOCIAL DO TREINO DESPORTIVO (E RESPECTIVAS CONDICIONANTES AFETIVO-EMOCIONAIS E SOCIOCULTURAIS DA TAREFA) ENQUANTO OBJETIVOS DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO ÉTICO	22
2.3. PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO E CONTRACOMUNICAÇÃO NA TAREFA DESPORTIVA COMO FERRAMENTAS DE DESENVOLVIMENTO DE DIFERENTES VALORES ÉTICOS NO DESPORTO	24
2.4. A DIMENSÃO ÉTICA ALICERÇADA NOS VALORES PESSOAIS, INTERPESSOAIS E CÍVICOS, SEUS INDICADORES E EVIDÊNCIAS EM CONTEXTO DE TREINO	26
SINOPSE DA UNIDADE CURRICULAR	28
AUTO VERIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS	29
RECOMENDAÇÕES DE LEITURA	30
GLOSSÁRIO	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32


1. PEDAGOGIA DA ÉTICA DESPORTIVA

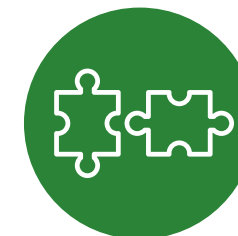
2. DIDÁTICA DOS VALORES



2. DIDÁTICA DOS VALORES

Tal como assinalado na subunidade anterior, a **promoção de valores no desporto carece de intencionalidade por parte do treinador**. Os valores do e no desporto vão assim além da mera retórica, sendo necessária a sua vivência plena, de forma explícita e instrumental, enquanto parte do processo de ensino-aprendizagem e treino desportivo.

 É neste seguimento que se opta por designar esta subunidade por **didática dos valores**. Com efeito, pretende-se operacionalizar os valores que consubstanciam a ética desportiva, reconhecendo-os como um conteúdo essencial de desenvolvimento no contexto desportivo, e o qual exige uma intervenção didática, pedagógica e metodológica que procure, de forma intencional e sistematizada, a sua promoção e a sua transferência do contexto desportivo para o indivíduo e, em consequência, para a sociedade.



Esta perspetiva procura assim explicitar os valores mais instrumentais da prática desportiva e operacionalizar a sua transferência para fora do contexto original de aprendizagem – isto é, potenciando a sua transferência do contexto desportivo para a sociedade em geral através dos desportistas. Este objetivo de, através do desporto contribuir para a construção de um mundo melhor, o qual deve ser o objetivo primário de qualquer intervenção desportiva que se pretenda educativa, vai ao encontro de um dos princípios fundamentais do Olimpismo, constante na Carta Olímpica, e que faz referência ao objetivo de **“colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana em vista de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana”**.

Neste enquadramento, **têm sido diversas as propostas teóricas e práticas de promoção desta transferência de competências desenvolvidas em contexto desportivo para o exterior** através de um processo de construção dos valores desportivos que, como já assinalado, se podem organizar a uma escola individual, interpessoal e cívica. **Os melhores atletas serão assim, também, aqueles que melhor expressam e manifestam os valores do desporto fora do contexto desportivo.** Propostas como o modelo de Pierce, Gould & Camiré (2017) (ver figura 8), em associação ao designado **“desenvolvimento positivo através do desporto”** têm procurado observar e reforçar as características e potencial da prática desportiva e seus fatores e possibilidades de transferência **com vista ao desenvolvimento, não apenas de competências desportivas mas, sobretudo, de competências para a vida.**

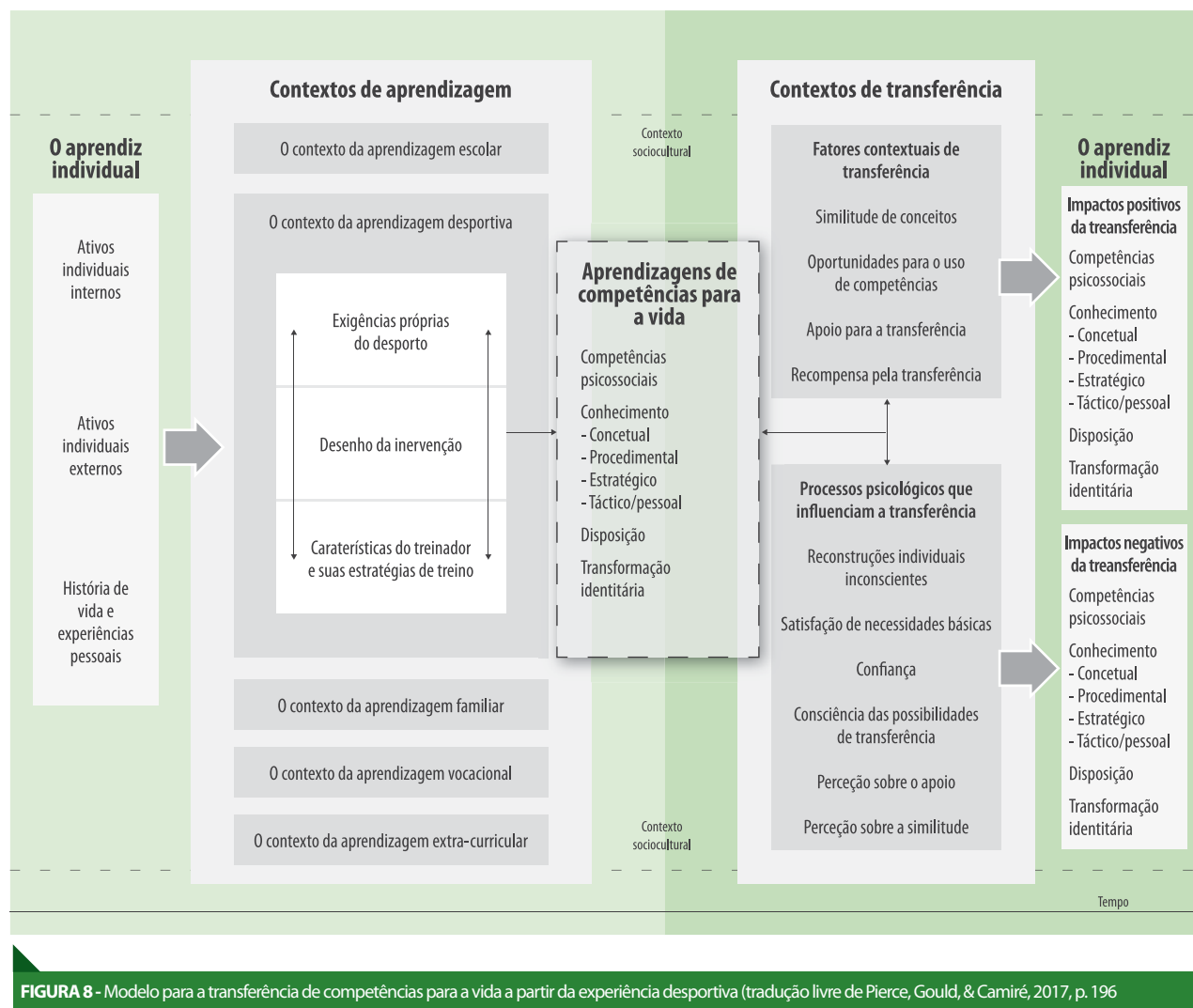


FIGURA 8 - Modelo para a transferência de competências para a vida a partir da experiência desportiva (tradução livre de Pierce, Gould, & Camiré, 2017, p. 196)

Neste seguimento, considera-se que a transferência das competências do desporto para a vida depende: (1) das características da própria prática desportiva, (2) do contexto de transferência (como se transferem? E para onde se transferem as competências?) e (3) das características individuais dos envolvidos. Nesta lógica, nos pontos seguintes são propostas diferentes estratégias de operacionalização dos valores éticos no desporto com vista ao desenvolvimento de competências para a vida.

5 – Transferência

4 – Ajuda aos outros

3 – Autonomia

2 – Participação e esforço

1 – Respeito

0 – Irresponsabilidade

O nível da **transferência** diz respeito à capacidade de transferir as competências aprendidas no contexto desportivo para outros contextos externos à prática.

O nível da **ajuda aos outros** diz respeito aos atletas que não apenas são autônomos como têm a capacidade de envolver e apoiar os outros com maior dificuldade no cumprimento das tarefas.

O nível da **autonomia** diz respeito a um comportamento independente por parte do atleta, não existindo necessidade de muita instrução para realizar o que é solicitado.

O nível da **participação e esforço** diz respeito a um comportamento em que o atleta participa sem restrições e procura realizar as tarefas que lhe são solicitadas o melhor que consegue.

O nível do **respeito** é relativo a um comportamento que, apesar de estar fora da tarefa, não interfere no correto desenvolvimento da mesma.

O nível da **irresponsabilidade** diz respeito a um comportamento que, não apenas está fora da tarefa, como ainda prejudica a sua realização por parte dos restantes envolvidos.

FIGURA 9 - Níveis de caracterização do comportamento dos atletas em função da sua envolvimento nas tarefas durante o treino (Hellison, 2003).

O modelo da responsabilidade pessoal e social considera que os comportamentos nos diferentes níveis são tendências independentemente do contexto. Assim, um atleta que sistematicamente se comporta ao nível 0 no contexto desportivo, terá o mesmo nível de comportamento noutros contextos (casa, escola,...). **A intervenção do treinador deve ir assim no sentido de, em permanência, procurar estabelecer as pontes necessárias entre os níveis de comportamento manifestados no treino e fora deste**, podendo, também e inclusivamente, promover estratégias de auto e heteroreflexão sobre os comportamentos individuais e coletivos do grupo.



A intervenção educativa do treinador deve ir no sentido de, em permanência, procurar estabelecer as pontes necessárias entre os níveis de comportamento manifestados no treino e fora deste de maneira a tornar as competências desportivas em competências para a vida.

2.1. Operacionalização dos valores éticos em contexto de treino e competição

Don Hellison (2003), após uma primeira aproximação em 1978, propôs o designado “**Modelo da responsabilidade pessoal e social através da atividade física**”¹, o qual assume como premissas a **integração** (o ensino de valores e habilidades para a vida deve estar integrado no ensino das atividades físicas), a **transferência** (o que se ensina no treino deve ser feito de maneira a que possa ser transferido para outros aspetos da vida dos praticantes), o **empoderamento** (o processo de ensino-aprendizagem deve basear-se na transferência progressiva da responsabilidade do treinador para os atletas) e a **relação treinador-atleta** (o treinador deve reconhecer e respeitar a individualidade, as forças, as opiniões e a capacidade de tomar decisões por parte de cada indivíduo).

¹ Este modelo foi inicialmente perspetivado para utilização no contexto da educação física escolar. Contudo, devido ao seu alto grau de aplicabilidade ao contexto desportivo tem vindo a ser promovido também neste âmbito.



Além do comportamento enquanto competência global, **é possível operacionalizar os diferentes valores ocorrentes ou passíveis de desenvolvimento no treino desportivo de forma independente**. Contudo, tal exercício depende também das características dos próprios valores que se pretendem desenvolver na prática ou através da prática. A este respeito, cabe recuperar a tipologia de valores proposta por Rokeach (1973) mencionada na subunidade 1 e que considera a existência de **valores instrumentais** e **valores terminais**. Neste sentido, e com o objetivo de aplicar esta sistematização ao contexto desportivo, podem considerar-se os valores instrumentais como aqueles que são possíveis de exercitar na prática desportiva e os valores terminais como possíveis resultados da prática desportiva. Assim, e fazendo uso de valores habitualmente presentes no discurso desportivo, propõe-se o seguinte leque não exaustivo desses valores distribuídos de acordo com a sua tipologia instrumental ou terminal.

TABELA 2 - Proposta não exaustiva de valores instrumentais e terminais associados à prática desportiva.

Valores instrumentais (possível exercitação na prática desportiva)	Valores terminais (possíveis resultados da prática desportiva)
<ul style="list-style-type: none"> ↳ Autonomia ↳ Cooperação ↳ Liderança ↳ Disciplina ↳ Compromisso ↳ Resiliência 	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Respeito ↳ Empatia ↳ Honra ↳ Dignidade ↳ Lealdade ↳ Solidariedade



Neste enquadramento, **assumem-se os valores instrumentais como aqueles que são passíveis de serem utilizados como ferramenta de treino, isto é, operacionalizáveis enquanto componentes ou objetivos na aplicação das diferentes tarefas de treino**, enquanto os valores terminais são o resultado de um processo mais longo de relação entre o indivíduo e a prática desportiva, mas cuja tipologia não permite a sua operacionalização em contexto de treino.

Contudo, tal como já assinalado na subunidade 1, **os valores não são imutáveis na sua constituição e aplicabilidade. A sua orientação e dimensão depende do contexto de treino e ensino-aprendizagem, do objetivo da prática ou da etapa de desenvolvimento do atleta**, tal como se pode observar na tabela 3, a qual se estimula o preenchimento por parte de cada treinador de acordo com a sua perspetiva de desenvolvimento dos mesmos na etapa em questão.

TABELA 3 - Aplicação de valores instrumentais a diferentes etapas de desenvolvimento do atleta

Etapas de desenvolvimento do atleta tendo por referência a sua idade cronológica (exemplo não vinculativo)											
	-6	6-8	8-10	10-12	12-14	14-16	16-18	18-21	21-40	40-65	+65
Autonomia											
Cooperação											
Liderança											
Disciplina											
Compromisso											
Resiliência											

Esta lógica de distribuição e aplicação de diferentes valores em função das diferentes etapas de desenvolvimento é também promovida pelo programa *True Sport* levado a cabo pelo Governo do Canadá através da proposta de uma matriz de sete princípios da ética desportiva que evoluem ao longo das etapas de desenvolvimento a longo prazo dos praticantes e os quais se aconselha a consulta como referência para o preenchimento da tabela acima proposta.

2.2. As dimensões psicológica e social do treino desportivo (e respetivas condicionantes afetivo-emocionais e socioculturais da tarefa) enquanto objetivos de intervenção didática para o desenvolvimento ético

Além dos comportamentos tendenciais que podem ser observados e promovidos pelos treinadores e da adaptação de valores instrumentais às etapas de desenvolvimento dos atletas, **é também possível utilizar os valores da ética desportiva como elementos das tarefas aplicadas em contexto de treino desportivo**, e assim potenciar assim a sua operacionalização.



Como é que se treina a “superação” ou a “resiliência”?

A resposta está em colocar estes valores como objetivos dos exercícios levados a cabo.

Com efeito, considerando os cinco fatores de treino e respetivas condicionantes da tarefa motora como referenciais², os quais coexistem em permanência em qualquer exercício de treino, **é possível promover uma operacionalização dos valores instrumentais através de um maior foco nos fatores psicológico (condicionantes afetivo-emocionais) e sociais (condicionantes socioculturais).**

² Sendo os fatores de treino apresentados inspirados em Bompa (1999) e as condicionantes da tarefa motora inspiradas em Famose (1992).

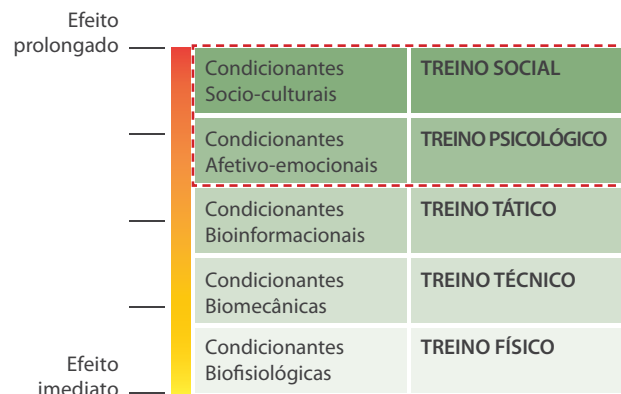


FIGURA 10 - estaque dos fatores de treino desportivo e respetivas condicionantes da tarefa motora que concorrem para o desenvolvimento de valores instrumentais através da prática desportiva (adaptado de Avelar-Rosa, 2014).

Para que tal operacionalização dos valores possa ser levada a cabo **é essencial que os objetivos dos exercícios estimulados em contexto de treino estejam associados aos fatores psicológico/condicionantes afetivo-emocionais ou social/condicionantes socioculturais**. A este respeito, observe-se o seguinte exemplo, simples e artificial, relacionado com uma tarefa comum nas diferentes modalidades desportivas: as flexões/extensões de braços.

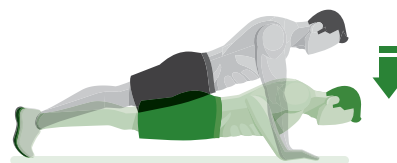


FIGURA 11 - Exemplo de aplicação de variantes de exercício com objetivos associados aos fatores de treino e respetivas condicionantes da tarefa motora.

Naturalmente, **na tarefa proposta todos os cinco fatores de treino estão presentes, com maior ou menor predominância, em todas as variantes de exercício propostas em relação à tarefa original (flexão/extensão de braços)**. Contudo, **o facto de se considerar o objetivo mais associado ao fator físico, técnico, tático, psicológico ou social implica um maior foco no desenvolvimento do fator correspondente**. Neste sentido, para que ocorra a promoção e desenvolvimento dos valores instrumentais do desporto, é essencial um maior foco na dimensão psicossocial do indivíduo e respetivos fatores de treino e condicionantes da tarefa motora.

Fator social (condicionantes socioculturais):
Exercício: em grupos de 4 elementos (dispostos em cruz, cara com cara), todos executam a ação simultaneamente.
Objetivo: promover cooperação.

Fator psicológico (condicionantes afetivo-emocionais):
Exercício: realizar a ação um número de vezes superior ao máximo anteriormente conseguido.
Objetivo: promover superação.

Fator tático (condicionantes bioinformacionais):
Exercício: realizar a ação ao ritmo, velocidade e frequência de um som como o código morse (sons curtos/ longos).
Objetivo: desenvolver tomada de decisão a partir de estímulo auditivo.

Fator técnico (condicionantes biomecânicas):
Exercício: realizar a ação com as mãos colocadas na linha com os ombros.
Objetivo: estimular maior ação dos músculos peitorais.

Fator físico (condicionantes biofisiológicas):
Tarefa: realizar ação na máxima velocidade durante 1 minuto.
Objetivo: desenvolver resistência muscular.

No seguimento do exemplo apresentado, **estimula-se os treinadores a conceberem uma tarefa específica da sua modalidade** focando os objetivos das suas variantes de exercício nos fatores psicológicos e sociais do treino e respetivas condicionantes afetivo-emocionais e socioculturais da tarefa.

TAREFA	Fator social (condicionantes socioculturais): Exercício: Objetivo:
	Fator psicológico (condicionantes afetivo-emocionais): Exercício: Objetivo:



FIGURA 12 - As grandes categorias de situações motrizes (adaptado de Parlebas, 2011, p. 424).

2.3. Processos de comunicação e contracomunicação na tarefa desportiva como ferramentas de desenvolvimento de diferentes valores éticos no desporto

Outra possibilidade de abordagem e desenvolvimento dos valores instrumentais do desporto, desenvolvida a partir dos pressupostos da praxiologia motriz, relaciona-se com a exploração do potencial associado aos processos de comunicação³ e contracomunicação⁴ nas tarefas desportivas, bem como a respetiva ausência de interação motriz, e cujas tipologias de situação se esquematizam na figura seguinte.

³ Por comunicação entende-se a ação cooperativa entre atletas.

⁴ Por contracomunicação entende-se a ação de oposição entre atletas.

As diferentes práticas desportivas podem caracterizar-se, grosso modo, pela forma como se relacionam os seus praticantes: em colaboração, em oposição, em ambas ou individual sem interação. Nesta lógica, e tendo por base o potencial da prática desportiva para o desenvolvimento de diferentes competências e seus diferentes valores, é de assumir que **práticas com diferentes tipologias de interação também potenciam, dadas as suas características particulares, o desenvolvimento de diferentes competências.** Assim, diferentes modalidades desportivas, consubstanciadas pelas suas diferentes formas de interação que implicam, também apresentam um potencial diversificado para a instrumentalização dos valores que com este mais se relacionam, pelo que **jogar um desporto com raquetes, um desporto coletivo de invasão, uma modalidade cuja responsabilidade é individual ou um desporto de combate, ainda que desenvolva competências transversais, desenvolve também ou de forma mais profunda outras competências que são inerentes à sua própria especificidade prática.**




Práticas desportivas com diferentes tipologias de interação também potenciam, dadas as suas características práticas, o desenvolvimento de competências que lhes são específicas e particulares.

Contudo, independentemente da estrutura praxica das modalidades desportivas, **é possível ao treinador prescrever tarefas com diferentes tipologias de interação, ou seja, nos treinos de um desporto coletivo (cooperação com companheiros) também podem ser levadas a cabo tarefas de oposição contra adversários (sem cooperação) ou em solitário.** Desta forma, utilizando esta diversidade de possibilidades que oferecem as tarefas desportivas, torna-se possível ao treinador evidenciar e focar as competências que estão associadas a diferentes tipologias de interação, incluindo as que não são regulamentadas no âmbito da sua modalidade desportiva particular.

Neste seguimento, estimula-se o treinador a que preencha o quadro seguinte, discutindo os valores instrumentais que estão associadas a cada modalidade desportiva ou grupo de modalidades, suas tarefas respetivas, e tipologia de interação praxica correspondente.



	Modalidades/situações e tarefas desportivas	Valores instrumentais de desenvolvimento potencial
Cooperação com companheiros (comunicação motriz)		
Oposição contra adversários (contracomunicação motriz)		
Cooperação e oposição (comunicação e contracomunicação motriz)		
Ação em "solitário" (sem comunicação motriz)		


 Mediante a diversidade de possibilidades que oferecem as tarefas desportivas, o treinador pode evidenciar e focar as competências que estão associadas às diferentes tipologias de interação, inclusivamente aquelas que não são as regulamentadas no âmbito da sua modalidade desportiva particular.

2.4. A dimensão ética alicerçada nos valores pessoais, interpessoais e cívicos, seus indicadores e evidências em contexto de treino

Além do necessário treino dos valores e sua instrumentalização didática que vêm sendo elogiados ao longo desta subunidade, **é também relevante considerar o modo como a manifestação destes se pode observar e manifestar.** Neste sentido, seguindo a proposta de sistematização dos valores efetuada por Carvalho (2013), Avelar-Rosa (2014) sugere a **definição de indicadores que sejam reveladores da existência de determinado valor num atleta e as formas como este o evidência**, exercício este que pode ser efetuado para outros valores de carácter instrumental mas também de carácter terminal.



	VALORES	INDICADOR	EVIDÊNCIA
PESSOAIS	Respeito pelo próprio	Assunção de comportamentos saudáveis e rejeição de condutas nocivas.	O atleta demonstra vontade de cuidar de si (higiene, descanso, alimentação) e fá-lo de forma disciplinada.
	Responsabilidade	Assunção e cumprimento das tarefas e funções que lhe são atribuídas no grupo e nos treinos.	O atleta assume com brio, disciplina e de forma exemplar as suas funções e deveres.
	Autonomia	Confiança e Independência no seu comportamento e responsabilidades.	O atleta tem confiança nas suas capacidades e realiza as tarefas propostas sem necessidade de apoio de terceiros.
	Autocontrolo	Gestão das suas emoções de forma equilibrada.	O atleta controla as suas emoções quando a situação é tensa ou adversa, sendo capaz de reconhecer os próprios erros.
	Superação	Esforço constante e resiliente pela melhoria das suas performances e comportamentos.	O atleta esforça-se para fazer mais e melhor de forma perseverante não se rendendo perante resultados ou performances negativas.
INTERPESSOAIS	Respeito pelos outros	Aceitação e compreensão, sem preconceitos, das diferentes condições dos pares e sua diversidade.	O atleta aceita a pessoa que o outro constitui, compreendendo as suas qualidades e dificuldades.
	Solidariedade	Incorporação e apoio desinteressado de outros com diferentes condições.	O atleta ajuda aqueles com maiores dificuldades e apoia companheiros e adversários quando estes erram.
	Cooperação	Ação conjunta de todos com vista ao alcance de um objetivo comum.	O atleta valoriza o grupo e reconhece a importância da ação conjunta para alcançar objetivos comuns.
	Empatia	Desenvolvimento de relação afetiva positiva com os pares.	O atleta cria, cuida e desenvolve amizades no contexto desportivo em que se inclui.
CÍVICOS	Respeito pelo espaço	Cuidado com o ambiente e materiais envolvidos.	O atleta cuida do espaço de treino e de jogo, bem como dos materiais que o constituem e que utiliza.
	Respeito pelas normas	Cumprimento com justiça das normas estabelecidas.	O atleta respeita e cumpre as normas do jogo e as decisões a elas associadas.
	Participação	Iniciativa e realização das tarefas propostas.	O atleta tem espírito de iniciativa e gosta de participar.

 **Pontos-chave da subunidade**

- 1. Transferência de competências do desporto para a vida
- 2. Associação dos objetivos dos exercícios desportivos aos fatores psicológico e social do treino (e respetivas condicionantes afetivo-emocionais e socioculturais).
- 3. Interação motriz entre os atletas nas diferentes modalidades, situações e tarefas.
- 4. Manifestação dos valores desenvolvidos através da definição de seus indicadores e evidências.



Two columns of horizontal lines for writing, separated by a vertical dotted line.





SINOPSE DA UNIDADE CURRICULAR



- A neutralidade do desporto exige ao treinador uma intervenção intencional com vista à promoção das suas competências e dos valores que estão associados à sua matriz.
- A matriz biopsicossocial do desporto potencia a dimensão atitudinal associada às competências que podem ser promovidas pelo próprio desporto.
- O treinador é o elemento central do processo de formação desportiva, na medida em que não apenas assume responsabilidade na condução e orientação do processo como também é o agente que, por inerência, se relaciona com todos os outros agentes diretamente envolvidos. O seu comportamento e orientação ética são assim essenciais para que o seu exemplo possa ser replicado por aqueles que com ele se relacionam.
- Os dilemas éticos não têm soluções ideais. Contudo, é possível resolvê-los de forma coerente mediante a utilização de uma metodologia de tomada de decisão que justifique e vincule a decisão tomada e as suas consequências de maneira justificada e baseada nos princípios retores que o treinador assume como seus ou do seu contexto.
- Enquanto instrumento educativo, o desenvolvimento das competências no desporto deve estar sempre vinculado ao desenvolvimento de competências para a vida. Como tal, deverão ser tidas em conta estratégias de transferência destas competências de um contexto para o outro.
- Uma dessas formas é o explicitar a dimensão psicossocial do treino e da tarefa desportiva, através do foco nas componentes psicológica (afetivo-emocional) e social (sociocultural), assumindo-as como objetivos de desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem e treino desportivo.
- A tipologia de interação (em cooperação, em oposição, em ambas ou sem interação) são determinantes de diferentes competências pessoais e sociais. A manipulação da interação nas tarefas de treino por parte do treinador, explorando de forma explícita o potencial das suas modalidades assim como desenvolvendo outros tipos de interação não considerados do ponto de vista regulamentar, permite também a promoção intencional de competências que estão associadas a estes tipos de interação.
- É importante que os treinadores tenham claro quais os valores que pretendem desenvolver e a forma como estes se manifestam e evidenciam.



AUTOVERIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS



A. Aferição do conhecimento

1. Defina e justifique os conceitos de desporto e competência.
2. Em que medida as atitudes, enquanto pilar da competência, estão relacionadas com o conceito de desporto?
3. Qual a diferença entre valores pessoais, interpessoais e cívicos? E entre valores instrumentais e terminais? Justifique com exemplos do contexto desportivo.
4. Descreva as fases de tomada de decisão num dilema ético.

B. Aplicação do conhecimento

1. De que formas o treinador pode desenvolver a “pedagogia do exemplo”?
2. Proponha uma metodologia de transferência das competências do desporto para competências de vida.
3. Operacionalize na prática os valores “compromisso” e “liderança” propondo o seu desenvolvimento ao longo das etapas de desenvolvimento do atleta e a sua promoção através do foco nos fatores psicológico e social e respetivas condicionantes afetivo-emocionais e socioculturais da tarefa.
4. Considerando o contexto de uma modalidade de cooperação e oposição (ou seja, com comunicação e contracomunicação motriz), proponha uma tarefa para esta modalidade cuja ação seja feita em “solitário” e justifique os valores instrumentais que podem ser promovidos e explicitados na mesma.



RECOMENDAÇÕES DE LEITURA

Armour, K. (2001). *Sport Pedagogy: An Introduction for Teaching and Coaching* (K. Armour, 1st Ed.). London: Routledge.

Gonçalves, C. (2013). *Desportivismo e Desenvolvimento de Competências Socialmente Positivas* (C. Gonçalves, 1^a Ed.). Lisboa: Afrontamento.

Green, S., & Palmer, S. (2018). *Positive Psychology Coaching in Practice*. London: Routledge.

Hardman, A., & Jones, C. (2011). *The Ethics of Sports Coaching*. London: Routledge.

Harvey, S., & Light, R. (2013). *Ethics in Youth Sport: Policy and Pedagogical Applications*. London: Routledge.

Light, R., & Harvey, S. (2019). *Positive Pedagogy for Sports Coaching*. London: Routledge.

Light, R., & Harvey, S. (2020). *Applied Positive Pedagogy in Sports Coaching*. London: Routledge.

McNamee, M. (2018). *Sport, Ethics and Philosophy* (M. McNamee, 1st Ed.). London: Routledge.

McFee, G. (2003). *Sport, Rules and Values: Philosophical Investigations into the Nature of Sport*. Londres: Routledge.

Pérez Triviño, J. (2013). *Ética y Deporte*. Barcelona: Desclée de Brouwer.

Renaud, M. (2014). *Ética e Valores no Desporto* (M. Renaud, 1^a Ed.). Lisboa: Afrontamento.

Santos, F., Strachan, L., Pereira, P., & MacDonald, D. (2019). *Coaching Positive Development: Implications and Practices from Around the World*. Lisboa: Omniserviços.

Turró Ortega, G. (2016). *Ética del Deporte: Una Aproximación Humanista*. Barcelona: Herder.

Whitehead, M. (2010). *Physical Literacy: Throughout the Lifecourse*. London: Routledge.





GLOSSÁRIO DE CONCEITOS-CHAVE

Competência

A competência consiste na intervenção eficaz dos diferentes âmbitos da vida, mediante ações através das quais se mobilizam, ao mesmo tempo e de maneira interrelacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais. A competência diz respeito, assim, não tanto ao que se possui mas sim a como se age (considerando, a um só tempo, o que se é, como se faz e o que se sabe) mediante as situações concretas.

Ética

O termo deriva do grego *ethos* que significa, fundamento, carácter, alicerce, costume, hábito. É uma área da filosofia que estuda o comportamento humano, e analisa aplicação de valores que devem orientar o indivíduo e a sociedade. Valores esses que vão determinar se a conduta ou o agir humano é correto ou incorreto. A ética tem como finalidade ajudar a pessoa a ser feliz, a ter uma “vida boa”, com sentido, e orientada para a realização do eu e do bem comum.

Valor

Denomina-se por valor aquilo que qualifica, que atribui qualidades e características a alguém ou alguma coisa. O que tem peso, o que valoriza. Há vários tipos de valores dependendo da sua relação com uma determinada área do agir humano: económicos, culturais, afetivos, religiosos, estéticos, pessoais, cívicos, desportivos, éticos (...).



REFERÊNCIAS

Avelar-Rosa, B. (2014). *Ética no Desporto: Linhas Orientadoras para Treinadores*. Mafra: Instituto Luso-Ilírio para o Desenvolvimento Humano.

Bompa, T. (1999). *Periodization Training for Sports*. Champaign: Human Kinetics.

Carvalho, L. X. (2013). *Literacia Social: Valores como Fundamento de Competência*. Tese de Doutoramento (não publicada). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Conselho da Europa (1992). *Carta Europeia do Desporto*. Rhodes: Conferência dos Ministros do Desporto dos Estados-Membros do Conselho da Europa.

Famose, J. P. (1992). *Aprendizaje Motor y Dificultad de la Tarea*. Barcelona: Paidotribo.

Hellison, D. (2003). *Teaching Personal and Social Responsibility Through Physical Activity*. Champaign: Human Kinetics.

International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies Reference Centre for Psychosocial Support (2014). *Moving Together: Promoting Psychosocial Wellbeing through Sport and Physical Activity*. Copenhagen: IFRC and the PS Centre.

Parlebas, P. (2001). *Juegos, Deporte y Sociedad: Léxico de Praxiología Motriz*. Barcelona: Paidotribo.

Pierce, S., Gould, D., & Camiré, M. (2017). Definition and model of life skills transfer. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 10(1), 186-211. DOI: [10.1080/1750984X.2016.1199727](https://doi.org/10.1080/1750984X.2016.1199727).

Teques, P., Silva, C., Rosado, A., Calmeiro, L., & Serpa, S. (2020). Refining the short version of the Leadership Scale for Sports: Factorial validation and measurement invariance. *Psychological Reports*. DOI: [10.1177/003329412095356](https://doi.org/10.1177/003329412095356).

Roe, R. (2002). What makes a competent psychologist? *European Psychologist*, 7(3), 192-202. DOI: [10.1027/1016-9040.7.3.192](https://doi.org/10.1027/1016-9040.7.3.192).

Rokeach, M. (1973). *The Nature of Human Values*. New York: The Free Press.



FICHA TÉCNICA

PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE TREINADORES

MANUAIS DE FORMAÇÃO - GRAU II

EDIÇÃO

INSTITUTO PORTUGUÊS DO DESPORTO E JUVENTUDE, I.P.

Rua Rodrigo da Fonseca nº55

1250-190 Lisboa

E-mail: geral@ipdj.pt



AUTORES

**JOSÉ CARLOS LIMA, ANDRÉ XAVIER DE CARVALHO
E BRUNO AVELAR ROSA**

ÉTICA NO DESPORTO

LUÍS HORTA

ANTIDOPAGEM

LEONOR MONIZ PEREIRA

DESPORTO ADAPTADO

JOSÉ GOMES PEREIRA

FISIOLOGIA DO DESPORTO

CLÁUDIA SOFIA MINDERICO

NUTRIÇÃO

**ISABEL MESQUITA, CLÁUDIO FARIAS, PATRÍCIA COUTINHO,
PAULA QUEIRÓS E PAULA SILVA**

PEDAGOGIA E DIDÁTICA DO DESPORTO

**CLÁUDIA DIAS, SARA MESQUITA, NUNO CORTE-REAL,
ANTÓNIO MANUEL FONSECA**

PSICOLOGIA DO DESPORTO

PAULO CUNHA, JOSÉ AFONSO, FILIPE MANUEL CLEMENTE

TEORIA E METODOLOGIA DO TREINO DESPORTIVO

MARTA MASSADA

TRAUMATOLOGIA DO DESPORTO

COORDENAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

Isabel Mesquita

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

DFQ - Departamento de Formação e Qualificação

DESIGN E PAGINAÇÃO

BrunoBate-DesignStudio

© IPDJ - 2021

33